

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos



Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>

EXISTE CRISE EM LITERATURA?

Rafaela de Abreu Gomes

A Crise do Século XX (1991), Gilberto de Mello Kujawski, faz uma demorada discussão a respeito da crise moral instaurada na sociedade desde o início do século XX. Para Kujawski, o cotidiano se mostra problemático, sem firmeza e, por isso, o homem tem enfrentado dificuldades em todas as instâncias da vida, desde a escolha de sua alimentação até os passeios que faz. A partir do cotidiano, veremos de que forma a crise atua em uma dessas instâncias, a Literatura.

O cotidiano

Na perspectiva de Kujawski, a crise se tornou ubíqua, ou seja, onipresente; já não adianta afirmar que Política, Saúde, Religião estejam com problemas. Todos os setores da vida humana o estão, o que nos leva a crer que a crise tem afetado a própria vida. Kujawski (1991, p. 34) afirma que “a *crise é de todos* (...); não se limita ao círculo dos cientistas ou políticos, mas atinge o homem comum, inclusive na condição de cientista ou de político”. A crise de que falamos está, portanto, intimamente ligada ao cotidiano, uma vez que toda a relação entre pessoas, e destas com o mundo ao redor, se estabelece nos fatos simples de cada dia. Observemos a afirmação de Kujawski (1991, p. 35) a esse respeito:

É na ruptura do cotidiano, na deterioração dos moldes em que vazamos a vivência do dia a dia, que experimentamos a crise de forma primária e imediata. Crise que vai abalar todas as estruturas edificadas tradicionalmente na história, como as ondas subterrâneas de um terremoto repercutem nos raios que partem do seu

epicentro. O epicentro do terremoto histórico e social, que é a crise, localiza-se no cotidiano.

A metáfora criada por Kujawski nos ajuda a entender melhor a grandeza da crise, pois no cotidiano, aprendemos a ter familiaridade com o mundo desde o nosso nascimento. À medida que essa familiaridade vai sendo destruída, nossa capacidade de, naturalmente, viver os dias, é afetada de forma negativa. Não estar à vontade com o cotidiano significa não reconhecer mais escolhas pessoais e profissionais, por exemplo. Para Kujawski (1991, p. 36), dessa “sensação cósmica de extravio e de estranhamento decorre o argumento central de toda verdadeira crise.” Entendemos, por isso, que o sentimento de extravio, de inconformidade com o dia a dia gera a crise de que falamos aqui; a crise que afeta todo o comportamento dos indivíduos.

Sem o apoio do cotidiano, o homem sente-se inseguro para conduzir sua própria vida e, conseqüentemente, passa a viver entre duas categorias, *ser* e *estar*. Quando deveria *ser* no mundo, sente que os momentos sólidos e seguros se dissolvem e, a partir disso, passa a *estar* no mundo – o que nos remete à afirmação de Ortega (*apud* Kujawski, 1991, p. 36) de que “eu sou eu e minha circunstância”. Estar é instalar-se em algum lugar acompanhado dos fatores pertencentes ao lugar escolhido. Ser é conduzir a si próprio aos lugares e, por meio deles, enriquecer-se. O homem moderno já não conhece essa diferença. Sua falta de confiança no cotidiano desconcerta sua percepção do mundo.

Sem perceber que os pequenos detalhes constroem as bases que sustentam o cotidiano, o homem preocupa-se mais com os grandes acontecimentos, e deixa de lado os elementos mais corriqueiros e constantes. Sobre essas questões, Marcel Proust tratou nos volumes de **Em busca do Tempo Perdido** (1948). Quando Marcel (personagem homônimo de Proust) relembra os detalhes de sua vida e neles se demora por cinquenta páginas até, temos um mergulho profundo na vida cotidiana, nos acontecimentos mais esquecíveis.

O cotidiano fornece alicerces ao homem; todavia, se este parece alheio, perdido, o alicerce rui aos poucos e, gradativamente, as categorias fundamentais da vida não funcionam bem. Vejamos o que Kujawski (1991, p. 42) nos diz sobre o cotidiano:

A experiência reiterada do cotidiano nos insere no mundo como no leito de um rio, no qual fluímos nossa vida individual. Esse leito do cotidiano constitui para minha vida o recipiente para que ela não extravase para fora de si, fornecendo-lhe o mínimo de estabilidade e direção para que eu saiba a que me ater na vastidão desconhecida e tormentosa do universo.

Sem a segurança do cotidiano, o homem não consegue emergir do turbilhão de informações com as quais tem contato a todo momento, sente medo de sair de casa, uma vez que o mundo não é seguro

nem familiar; além disso, se não está seguro, não transmite confiança, parece sempre desconfiado, não conversa, a não ser que esteja em redes sociais, protegido por seu computador. A crise do cotidiano parece retê-lo em lugares fechados sob o pretexto da proteção. E o mais grave é que o homem parece arrastado por uma força que o faz ainda mais alheio em relação ao mundo que o cerca.

Literatura em crise

Num ensaio escrito para a revista Cult (2013, nº 182), Marcos Siscar afirma que falar em crise no campo da crítica literária e da própria Literatura já se tornou um grande lugar comum. Segundo ele, o “medo” de que a Literatura acabe já data de pelo menos 30 anos. Mais séria ainda é a situação da crítica, que parece esgotada, apática, restrita a ambientes acadêmicos. Partindo do período chamado modernidade, Siscar (2013, p. 40) é categórico ao discutir a questão:

Uma forma de analisá-la [a modernidade] seria a de imaginar uma “história da crise”, isto é, a história da emergência e das modalidades da *ideia de crise* sob a pluma de críticos de diversa procedência, nos últimos dois séculos. Ficaríamos, talvez, surpresos com a recorrência com que autores de diferentes épocas lamentam a caducidade de seu próprio presente. De Silvio Romero a Mario de Andrade ou a Roberto Shuwarz, de Mallarmé a Mario Faustino ou a Haroldo de Campos, de Baudelaire a Michel Deguy ou Jean-Marie Gleize, veríamos se perfilarem inúmeras ilustrações dessa tópica moderna, segundo a qual *as coisas vão mal*.

Como imaginávamos, a afirmação de que há uma forte crise em torno da Literatura não é nova; entretanto, precisamos esclarecer algumas questões. A Literatura, da forma como a enxergamos aqui, ou seja, como transfiguração do real, como elemento intimamente ligado às questões da sociedade, reflete os anseios de seu tempo. Na perspectiva de Siscar, o fim da Literatura já foi previsto há bastante tempo – e isso é verdade –; porém, a crise de que tratamos aqui é a da própria existência, através dela é que a Literatura também entra em estado crítico. Se o homem do século XXI parece perdido em meio ao cotidiano, o poema, conto ou romance escrito por ele também estará.

Nessa crise da existência, não há certeza acerca de nada, nem mesmo se o homem comum querará ser poeta ou crítico, por exemplo. Mesmo que atue como tal, não se sente seguro, sua circunstância muda com facilidade e ele já não se reconhece de forma autônoma. A crise do cotidiano, tão mais forte a partir do século XX, como bem discute Kujawski, tem vertentes diversas e exerce influência sobre as pessoas em seus comportamentos mais simples.

Nesse contexto, é pertinente falar sobre o profissional de Letras. Saber que mudanças tem havido no universo dos livros publicados e de que forma acontecem os posicionamentos sobre eles é muito importante. Para tanto, é necessário saber como anda a crítica literária e qual a situação dos cursos de Letras nas universidades do Brasil.

Sobre a Crítica, difícil acreditar que esteja seguindo o ideal machadiano¹ de imparcialidade, coerência, consciência, independência e ciência literária. Tem havido uma especialização no que se refere à competência da escrita, uma vez que os poetas e escritores estão cada vez mais habilitados a escrever gêneros específicos, se escrevem conto, não escrevem romance, etc. Dessa forma, os críticos também se especializaram, são críticos de romance, de contos e, é preciso dizer, são poucos.

Quanto à situação dos cursos de Letras, vemo-los cada vez mais agrupados em blocos, nas humanidades, principalmente por conta do declínio sofrido pela Literatura nos últimos anos – o que trouxe ao centro da discussão o seguinte: com essa crise afetando a Literatura, esta passa a defender sua própria existência, não só seus objetivos. Observemos o que diz Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 190):

Desde a década passada, porém, é o próprio objeto que está sendo questionado, no ensino de literatura. Esse posicionamento decorre, primeiramente, de um desprestígio das disciplinas genericamente chamadas de “humanidades” e do consequente remanejamento dessas disciplinas no sentido da aglutinação em blocos menos especializados, o que corresponde a uma “racionalização” dos currículos para se baratarem os custos institucionais e, ao mesmo tempo, fornecer um “retorno” mais palpável à sociedade, que agora pede apenas um certo capital de saber e não se mostra muito disposta a sustentar saberes “inúteis” ou, ainda mais, críticos com relação a seus rumos.

Não é necessário comentar a afirmação de Perrone-Moisés. Sua lucidez ao posicionar-se diante da questão dispensa mais palavras. No entanto, mesmo que ainda existam leitores críticos, é preocupante pensar nesse ponto mediano de saber a ser alcançado, estipulado pela própria sociedade. A Literatura não pode ser “encaixada” em tópicos de disciplinas nos cursos de Letras por aí a fora. Sua função social é também humana, na medida em que permite ao homem inserir-se no mundo e pensar sobre ele; a Literatura constrói o indivíduo crítico de si, do outro e do mundo – não há como desmerecer sua importância, mesmo que os ditos “homens de letras” o façam a cada conferência pronunciada. Sem Literatura, sem a boa Arte, não há como entender as relações de um homem no mundo.

Que posição tomar?

¹O ideal do Crítico. In: **Obras Completas**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, sd.

Não há como alcançar uma consideração definitiva para assunto tão sério. É comum ouvirmos afirmações que desmerecem a Literatura ou que diminuem seu valor, mas isso não nos faz desacreditar de sua força transfiguradora da realidade e de sua relação íntima com a sociedade da qual faz parte. Transfigurado o real, é através do texto literário, do poema bem feito, bem como da Arte em geral bem trabalhada, que o homem fica em consonância com o mundo que o rodeia. Embora, saibamos que esses elementos parecem ter lugar mínimo, não podemos esquecer o nosso papel, enquanto leitores críticos, de tratar o máximo que pudermos dessas questões.

Ler não é tarefa fácil, tampouco é sinônimo de decodificação. Ler é, em primeira instância, observar a vida que nos cerca e, em seguida, a que não nos cerca, a que só nos é dado conhecer através dos livros, com seus universos novos, mas cheios de costumes, emoções e aflições tão familiares a nós. Quando pensamos numa crise, tendemos a identificá-la numa área específica; entretanto, deparamo-nos com uma mais geral, que nos coloca em perigo em relação a tudo, ciência, política, artes, vida social, futuro. Não sabemos como lidar com ela e muitos de nós nem têm consciência de sua existência. Difícil entendê-la quando sabemos que ela está em toda parte.

Escrever um texto de dez páginas não nos faz especialistas no assunto, mesmo que tenhamos escolhido um pequeno pedaço do todo formado pela crise moral tratada aqui. O fato, porém, é que estamos tentando lidar com ela e, em matéria de Literatura, não temos medo de afirmar que não haverá um fim. Um clássico só é classificado como tal porque é, dentre outros fatores, atemporal e essa característica não é modificável. A essência do homem enquanto indivíduo no mundo está sujeita aos mesmos elementos desde sua origem. Medo, falta de coragem para lidar com o passar do tempo, vaidade, são exemplos familiares a todos. Nossa função, portanto, é assegurar que discussões lúcidas sobre esse e outros assuntos não sejam excluídas das rodas de conversa de pessoas de todas as idades.

O fim da Literatura, assim como o fim do mundo, o fim de modelos econômicos, etc. é pauta de assuntos variados desde muito antes de nascermos e, quase sempre, não há propriedade para discuti-los – é moda conversar superficialmente sobre eles. Ainda há muito o que entender na relação estabelecida entre o homem e o mundo e, simplesmente ter medo de alguns finais, não responderá às perguntas básicas feitas por todo indivíduo pensante. Portanto, haverá leitura.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *O ideal do Crítico*. In: **Obras Completas**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, sd.
KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A Crise do Século XX**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SISCAR, Marcos. “A Crise como Política”. In: **Revista Cult**. Nº. 182. Ed. agosto/13.